

A Aliança com Deus é catalisadora da construção do Bem Comum

Francisco Emílio Surian*

Resumo: Este artigo, na forma de ensaio crítico, problematiza o conceito de aliança nos documentos Papa Francisco – *Evangelii Gaudium*, *Laudato Si e Fratelli Tutti*. A dinâmica relacional da Aliança (*Berit*) demonstra o desejo de Deus de socorrer seu povo (“*Ouvi o clamor de meu povo, no Egito*” – ver Ex 3,7). A Aliança prevê: *Promessa* (iniciativa divina), *Compromisso* (resposta humana) e *Símbolo* que sela a Aliança Divina com a humanidade. O afastamento deste modelo de Aliança com Deus Pai possibilita “que releguemos a religião para a identidade secreta das pessoas” (EG 183). Ao afastarmos-nos da Aliança, a vida e a própria História da Salvação correm risco de extinção. Diante dessas afirmações, o artigo propõe identificar a aplicabilidade da Aliança na leitura que Papa Francisco faz do momento atual a partir dos documentos citados. O artigo analisa se, para o Século XXI, a *Berit* apresenta-se como possibilidade de sobrevivência e dignidade desde que a humanidade cumpra o *Compromisso* de *partilha* na Nova Aliança com Jesus, “porque Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens” (EG 178) e dos homens com a natureza, com o Universo e com a possibilidade de vida na Terra.

Palavras-chave: Bem comum; Aliança; Partilha; Comunhão; Fraternidade.

1. Introdução – *Berit*, a dracma perdida

Ao falar-se de *Aliança* no Novo Testamento tem-se o sentimento da viúva que perdeu a dracma. Porém, diferente dela, não nos colocamos em busca da *Aliança* perdida. Pelo contrário, nos deixamos enganar por outros tantos interesses que se apresentam, e assim esquecemos rapidamente os princípios da relação com Deus na lógica da *Aliança*. Talvez, por isso, haja a insistência no erro. Continuamos a seguir o caminho qual o filho que pediu sua herança e busca, em celebrações festivas e cantos inebriantes, preencher o vazio do coração. Cegados por uma paixão inexplicável, não é possível ver o pobre Lázaro sentado à porta (Lc 16,19-31). Repetir-se-á a saga do rico que pedirá ao Senhor para que envie Lázaro para lhe molhar a língua. Em uma clara referência à Aliança, respondendo ao rico em desespero, Abraão repetirá eternamente: “Eles têm Moisés e os profetas”.

A Terra já dá sinais de esgotamento e em breve pode não mais ser um espaço amigável para os seres vivos. Cientes de que a catástrofe anunciada é resultado da própria ação do homem, que segue enlouquecido em sua marcha em busca do lucro a qualquer custo, queimando energia fóssil e desmatando florestas, vislumbra-se, na perspectiva da *Aliança*, ações possíveis

* Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP. Professor na Universidade Católica de Santos – UNISANTOS. <https://orcid.org/0000-0003-1039-1079>. Contato: surian@unisantos.br.

que apontam para a recuperação de melhores condições de vida para todos, e, talvez, o afastamento do armagedon anunciado. Para tanto, é possível repetir para os dias de hoje aquilo que Rodrigues da Silva afirma: “Na caminhada desse povo, a teologia da Aliança está presente nos momentos decisivos que implicam mudanças dos rumos da sociedade” (2014, p.37).

Este texto, em forma de ensaio crítico, busca problematizar aspectos sobre a Teologia da *Aliança* e encontra na *Evangelii Gaudium* (2013), *Laudato Si* (2015) e *Fratelli Tutti* (2020), textos do Papa Francisco, pontes possíveis que nos conduzam para este patamar teórico que precisa iluminar a prática humana na construção de um outro mundo possível, onde a vida volte a florescer com segurança e esperança de futuro, em que caibam todos os humanos e todas as criaturas. Hoje a vida da Terra está em segundo plano: todas as energias e criatividade concentraram-se na guerra desenfreada para gerar lucro a qualquer custo. E como já se sabe: o custo desta guerra está levando à extinção das condições de toda forma de vida no planeta.

2. O Conceito de Aliança – herança do AT

Neste trabalho usa-se o termo Aliança para identificar o conceito *Berit*. Este é um conceito profundamente elaborado no Antigo Testamento. A Aliança identifica o processo de relação de Deus (Yahweh) com o seu povo. A Aliança de Deus com o seu povo é única, porém, apresentada em modos diversos. A análise da lógica da Aliança nos guia pela cartilha da Sabedoria Divina, onde identifica-se a ação de Deus na história, fazendo Suas as mãos humanas. Ao cumprir com o *Compromisso* selado na Aliança, o homem muda os rumos da história, fecunda a esperança, fertiliza o futuro, escreve uma outra história da Humanidade possível e perpetua a ação de Deus na História. Inspira os caminhos a seguir. E talvez, por isso, na História da Salvação a ação de Deus, por tantas vezes, confunda-se com ação humana e vice-versa. Nela, Deus não age de forma *espetaculosamente divina*. Na História da Salvação, Deus age na simplicidade dos gestos humanos. É semelhante a encontrar a Dracma perdida. A viúva reúne as amigas e fala exuberante: “Alegrai-vos, encontrei a *Aliança* perdida!”

2.1 A lógica da Aliança

Toda Aliança, no Antigo Testamento, está fundamentada em três momentos distintos e complementares. O primeiro momento é iniciado pelo próprio Deus. É Deus que propõe a Aliança ao homem: a iniciativa é sempre divina. Ao propor a Aliança Deus apresenta a sua *Promessa*. Na sequência, é explicitado o *Compromisso*. Esta é a participação humana na Aliança: Deus *promete*, o homem *cumpr*e, e tudo é selado com um *sinal*. O *Símbolo* é a terceira

parte da Aliança. É o que dá conclusão ao pacto, sela a Aliança, e tem a função de lembrar a cada participante da Aliança, inclusive a Deus, das responsabilidades assumidas! Exatamente por isso identifica-se que o *Símbolo* da Aliança evolui. Para ser o “lembrador” da Aliança, o *Símbolo* tem que ser ativo, tem que manter vínculos entre a *Promessa* (divina) e *Compromisso* (humano). Não seria um símbolo significativo, compreensível e relevante para as diversas gerações ao longo da história humana, se não mantivesse esses vínculos. É necessário descobrir a Sabedoria escondida atrás dos *Símbolos* da Aliança através dos tempos para entender a Sabedoria Divina agindo na história humana. Na História da Salvação, a Aliança de Deus com seu povo representa a possibilidade da continuidade da vida humana na Terra e vai muito além do que o moralismo e o apego estéril às leis como desejam alguns.

3. O *Símbolo* da Aliança - a Dinâmica da Vida

O Arco-íris é um dos mais significativos *Símbolos* da Aliança. Nem tanto pelo fato de ser aquele que tem a maior visibilidade: quando aparece pode ser visto por muitas pessoas e chama a atenção pela sua beleza e por cruzar os céus de um lado ao outro da Terra. A grandiosidade do *Símbolo* está no seu momento em que o Arco-íris aparece seguido das palavras colocadas na boca de Deus no texto bíblico. O momento é pertinente: o Arco-íris aparece exatamente quando sol e chuva se misturam, num acontecimento único. A normalidade dos eventos naturais é que haja sol ou que haja chuva. Após um dilúvio, que trouxe a morte ao mundo, seria natural identificar a chuva com a morte. E o sol, na sequência, com a vida. Quis a Sabedoria Divina demonstrar que chuva e sol são princípios vitais e, ao acontecerem em equilíbrio, perpetuam a possibilidade de vida na Terra. Os organismos vivos precisam tanto da chuva quanto do sol. Daí o sinal da Aliança se fazer presente na imediatidade do sol e da chuva. Ao colocar o Arco-íris como *Símbolo* da Aliança é imediata a lembrança do dilúvio, mas também a sabedoria da graça da chuva e do sol, necessários para o cultivo das plantas e para a vida dos animais.

O texto sagrado vai além. Fica evidente o *Símbolo* da Aliança como *lembrador* da *Promessa* e do *Compromisso*. Diz o Senhor:

“Quando o Arco-íris estiver nas nuvens, eu o olharei como recordação da Aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos, com todas as criaturas que existem sobre a terra”. Deus disse a Noé: “Este é o sinal da Aliança que estabeleço entre mim e todas as criatura que existem na terra”. (Gn 9, 16-17)

Destaca-se nas palavras divinas a perspectiva holística que estabelece uma Aliança “com todas as criaturas na terra”. Este é também um dos aspectos defendidos pelo Papa

Francisco na *Laudato Si*. Outro fato, que muitas vezes passa despercebido, é a afirmação divina ao colocar o Arco-íris como *Símbolo* da Aliança: “Eu o olharei como recordação...” Primeiro, o *Símbolo* deve recordar, trazer à memória de Deus a sua *Promessa* e, para o homem, o *Compromisso*.

Mas há outra sabedoria escondida no texto bíblico. Esta fala de Deus indica a Sua proximidade: se Deus vê o Arco-íris que eu também vejo, isso é sinal de que Ele está *próximo*. Deus só pode ver o arco nas nuvens se estiver *próximo o suficiente* para ver o mesmo que eu estou vendo. O Arco-íris também indica que Deus está a *distância de um olhar*, e segue próximo de nós em nossa história. Certamente, a proximidade de Deus torna-se fato importante em um mundo devastado pelo dilúvio: a certeza da presença divina trazia esperança.

Convido à esperança que “nos fala duma realidade que está enraizada no mais fundo do ser humano, independentemente das circunstâncias concretas e dos condicionamentos históricos em que vive. Fala-nos duma sede, duma aspiração, dum anseio de plenitude, de vida bem-sucedida, de querer agarrar o que é grande, o que enche o coração e eleva o espírito para coisas grandes, como a verdade, a bondade e a beleza, a justiça e o amor. (...) A esperança é ousada, sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna”. Caminhemos na esperança! (FT, n.55)

Com Abraão pode-se dizer que o *Símbolo* da Aliança perde parte de sua visibilidade. Essa realidade nos coloca a questionar: por que o *Símbolo* da Aliança passa a ser a marca na própria carne do homem, mas em um lugar que normalmente está escondido? A circuncisão, apresentada em Gn 17,9-14, é considerada tanto como *Compromisso* do homem quanto *Sinal* da Aliança. Também aqui é possível destacar a Sabedoria Divina e sua capacidade de fazer-Se cúmplice da ação humana para transformar a História da Humanidade.

Abraão e seu povo eram nômades. Viviam no deserto. Não é difícil de compreender, nesta realidade, a possibilidade de possíveis dificuldades de higiene e conseqüente inflamação peniana e a redução da fecundidade (SURIAN, 2011, p. 53-55). Porém, a promessa divina era clara: Deus promete a Abraão uma grande descendência. Abraão e Sara, sua mulher, já idosos, não conseguiram ter filhos. Só depois da circuncisão que Abraão e Sara engravidam. A promessa divina se realiza. A fecundidade prometida em Gn 17,6 descortina o futuro prometido. A intervenção divina se faz por mãos humanas no cumprimento da Aliança. Ao aceitar e cumprir com o compromisso da circuncisão, Abraão e seu povo modificam a história. Para Abraão já parecia evidente que um de seus servos herdaria seus bens (cf. Gn 15,13). No filho de Abraão com Sara concretiza-se a promessa divina de uma grande descendência:

Diante da dinâmica vital da Aliança, e sua profunda inserção na realidade e nas necessidades do povo, é possível responder à pergunta (...) sobre a compreensão da circuncisão definida como símbolo: uma marca na testa, ou mesmo um anel no dedo, aparentemente poderiam ser muito mais visíveis, e todos logo identificariam aqueles que aderiram à Aliança com Deus. Porém, nem a marca na testa, nem o anel no dedo contribuiriam ativamente para ampliar a descendência de Abraão e de sua casa, nem seriam tão significativos para a compreensão da ação da Sabedoria divina naquele contexto. (SURIAN, 2011, p. 55).

3.1 No Novo Testamento: a Partilha

É possível identificar o tripé hermenêutico da Aliança - *Promessa*, *Compromisso* e *Símbolo* - também no Novo Testamento. Historicamente, as longas disputas teológicas do início do Cristianismo lançaram sombras sobre a Teologia da Aliança. No Antigo Testamento é possível acompanhar com nitidez todo o processo da Aliança feita por Deus com Noé, com Abraão e depois com Moisés. No Novo Testamento, porém, a dinâmica da Aliança já não recebe o mesmo destaque. Mas não está ausente. Na última ceia, Jesus refere-se justamente à Aliança: “Esta é a nova Aliança...” (cf. Lc 22,14-20; Mt 26, 26-29; Mc 14,22-26). Portanto, é justo que se identifique a mesma dinâmica já anunciada no Antigo Testamento também no Novo Testamento. Se faz necessário questionar: na Nova Aliança, selada pelo próprio Filho de Deus, qual é a *Promessa*? Qual o *Compromisso* da humanidade? Qual o *Símbolo* que sela a Aliança?

A *Promessa* agora refere-se a todos: “Eu vim para que todos tenham vida, e vida em plenitude” (Jo 10,10) e o *Compromisso* e o *Símbolo* unem-se na partilha. O *Símbolo* da Nova Aliança está presente em vários momentos da vida de Jesus, mas é na experiência dos discípulos narrada no episódio de Emaús que se torna mais evidente. O *Símbolo* da Aliança faz reconhecer a presença de Deus e sua *Promessa*. Em Emaús, os discípulos só reconhecem Jesus “*ao partir o pão*”. E depois confirmam este fato diante da comunidade dos apóstolos: “E nós o conhecemos ao partir o pão” (Lc 24,35). Dessa forma é possível afirmar que a partilha é o *Compromisso* da Nova Aliança, e o pão repartido o seu *Símbolo*. *Símbolo* e *Compromisso* unem-se, mas não perdem sua qualidade dinâmica, de *acontecência* histórica que penetra a história e a transforma. Não foi nem só o pão repartido nem só a bênção do pão que levaram os discípulos a reconhecer Jesus: o reconhecimento se dá *na ação*, *na dinâmica*, *no processo*: eles O reconheceram *no partir do pão*.

Como não perceber que o mesmo Espírito que *guiou* os rumos da História Sagrada naqueles momentos mais desoladores novamente se repete? Como não perceber que o fim da vida – tantas vezes alertado pelo Magistério de Francisco, insistentemente denunciado pelos

guardiães das florestas, dos rios, dos diferentes ecossistemas e pouco admitido pelas Ciências - tem seu “ponto de retorno” na restauração da Aliança, na *Partilha*?

Só a lógica da *Partilha*, capaz de eliminar o culto ao lucro e às grandes concentrações de renda poderá apontar novos rumos para a vida. A *Partilha* não é apenas uma questão moral. É o compromisso humano na Nova Aliança com Deus, selado com *o partir do pão*, e que tem como *Promessa* de Deus a “Vida em plenitude”. Porém, quando o compromisso humano não é observado, rompe-se a Aliança, e à maioria resta a expulsão do acesso às condições de possibilidades da vida plena. Diz-se que estamos, neste momento, caminhando objetivamente para expulsão definitiva, pois o lucro, a concentração das riquezas nas mãos de uns poucos e toda a lógica do neoliberalismo financeiro é justamente a negação da *Partilha* e joga o povo no limbo do deserto e nas dores do exílio.

A quebra da Aliança com Deus implica trágicas consequências para a vida concreta como as alertadas pelo Papa Francisco em seu Magistério.

4. A Nova Aliança e Papa Francisco

Estamos diante de um impasse. Muitos já não acreditam na possibilidade de uma Aliança com Deus ao modo como se deu nas Sagradas Escrituras. Parece que se dá pouco valor ao fato de que o próprio Deus encarnado selou, *ao partir do pão*, uma nova Aliança com “todos os seres vivos, com todas as criaturas que existem sobre a terra”.

Na Encíclica *Laudato Si* (2015), Papa Francisco confere grande preocupação com as relações que se dão entre o homem, Deus e toda a Criação: “Não podemos defender uma espiritualidade que esqueça Deus todo-poderoso e criador” (LS n. 75). A leitura da Encíclica *Fratelli Tutti* nos mostra que há uma grande sintonia entre as propostas feitas pelo Papa Francisco e o *Compromisso* da Nova Aliança, *a Partilha*. É presente em toda a Encíclica a perspectiva de que não há futuro possível para um mundo regido pela economia financista neoliberal. É preciso encontrar novos rumos:

Hoje, crentes e não crentes estão de acordo que a terra é, essencialmente, uma herança comum, cujos frutos devem beneficiar a todos. Para os crentes, isto torna-se uma questão de fidelidade ao Criador, porque Deus criou o mundo para todos. Por conseguinte, toda a abordagem ecológica deve integrar uma perspectiva social que tenha em conta os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos. O princípio da subordinação da propriedade privada ao destino universal dos bens e consequentemente, o direito universal ao seu uso é uma “regra de ouro” do comportamento social e o “primeiro princípio de toda a ordem ético-social”. (LS, n. 93).

Não por menos, na *Laudato Si*, Papa Francisco dedica-se à reflexão sobre a propriedade privada, que é o tendão de Aquiles de toda a economia mundial. Ainda no n. 93 da *Laudato Si*, lê-se:

A tradição cristã nunca reconheceu como absoluto ou intocável o direito à propriedade privada e salientou a função social de qualquer forma de propriedade privada. São João Paulo II lembrou esta doutrina, com grande ênfase, dizendo que “Deus deu a terra a todo o gênero humano, para que ela sustente todos os seus membros, *sem excluir nem privilegiar ninguém*”. São palavras densas e fortes. (LS, n. 93).

Na lógica da Aliança, o aceno para a função social como pressuposto ético-moral da propriedade privada aponta para a dimensão do compromisso inadiável dos cristãos no tempo presente:

[São João Paulo II] Insistiu que “não seria verdadeiramente digno do homem um tipo de desenvolvimento que não respeitasse e promovesse os direitos humanos, pessoais e sociais, econômicos e políticos, incluindo os direitos das nações e dos povos”. Com grande clareza explicou que “a Igreja defende, sim, o legítimo direito à propriedade privada, mas ensina, com não menor clareza, que sobre toda a propriedade particular pesa sempre uma hipoteca social, para que os bens sirvam ao destino geral que Deus lhes deu”. Por isso, afirma que “não é segundo o desígnio de Deus gerir este dom de modo tal que os seus benefícios aproveitem só a alguns poucos”. Isto põe seriamente em discussão os hábitos injustos de uma parte a humanidade. (LS, n. 93).

O debate sobre a propriedade privada está na base da compreensão da importância da *Partilha* como *Compromisso* da Aliança. No n. 93 da *Laudato Si* fica evidente que a função social de toda propriedade se sobrepõe à propriedade privada, porque os “bens da terra foram dados a todo o gênero humano”. Se prestarmos atenção ao texto sagrado, em Gn 9,12, a Aliança de Deus é feita com “todos os seres vivos”. “Tudo está interligado”, recorda insistentemente Papa Francisco.

Como compreender a força da Aliança no Novo Testamento e deixá-la iluminar textos tão significativos como estas Encíclicas e outros documentos do Papa Francisco? No Novo Testamento Deus não fala na sarça ardente nem sobre as montanhas entre nuvens e fogo. A *Promessa* não é apregoada por uma voz divina e parece não haver espaço para a criação das fortes e inspiradoras imagens divinas que o texto sagrado nos permite no Antigo Testamento. Mas, então, permanece a pergunta: não é o próprio Deus encarnado que sela a Nova Aliança *ao partir do pão*? Não estão os textos dos Evangelhos repletos da fecundidade divina quando relatam a partilha de alguns pães e alguns peixes: *a multiplicação dos pães*? Não seria uma profecia a saga de Ananias e Safira, que tombam ao falsear o valor destinado à partilha de seu campo vendido, por que a quebra da Aliança constitui uma fratura tal nas relações que

indubitavelmente nos conduz à morte? Quando se consegue enxergar o tripé hermenêutico da Aliança no Novo Testamento, passamos a compreender sua força transformadora e profética e reconstituímos a cumplicidade da ação de Deus pelas mãos do homem, sempre presente na lógica da Aliança. Deus promete a *vida em plenitude* para todos os seres criados. Nosso *Compromisso* é a *Partilha*. Quando a *Partilha* se faz é possível perceber a possibilidade da vida em plenitude para todos:

Como ensinaram os bispos da África do Sul, a verdadeira reconciliação alcança-se de maneira proativa, “formando uma nova sociedade baseada no serviço aos outros e não no desejo de dominar. **Uma sociedade baseada na partilha do que se possui** com os outros e não na luta egoísta de cada um pela maior riqueza possível. Uma sociedade na qual o valor de estar juntos como seres humanos é, em última análise, mais importante do que qualquer grupo menor, seja ele a família, a nação, a etnia ou a cultura”. E os Bispos da Coreia do Sul destacam que uma verdadeira paz “só se pode alcançar quando lutamos pela justiça através do diálogo buscando a reconciliação e o desenvolvimento mútuo”. (FT, n. 229 – grifo nosso).

O *Símbolo* da Aliança é o *repartir do pão*. É preciso estar atento aqui. O *Compromisso*, a *Partilha*, é processo. O *repartir do pão* é “*acontescência*”. O que se quer destacar aqui é que o sinal da Aliança é dinâmico, não é possível aprisioná-lo. Se dá *ao partir do pão*. Ao mesmo tempo que o pão se reparte, o pão repartido/distribuído une vidas. Partir o pão gera uma diversidade simbólica que não deveria ser congelada. A esse ato, de congelar a dinâmica de Deus chama-se idolatria.

A dinâmica intrínseca da Aliança que tem por *Promessa* a *vida em plenitude*, e por *Compromisso* a *partilha*, ilumina de forma ímpar as Encíclicas de Papa Francisco. Na Encíclica *Fratelli Tutti*, o conceito transversal é o Bem Comum, um dos princípios da Doutrina Social da Igreja. Ao ler a Encíclica, iluminada pela Aliança, constitui-se um ciclo de comprometimento no qual o agir humano une-se ao agir divino. A vida em plenitude desejada e renunciada em muitos tópicos da Encíclica demonstra-se como realidade possível - *cumpra-se a Promessa divina da Nova Aliança* - desde que o homem opte por constituir processos de partilha capazes de possibilitar trabalho, teto e terra para todos - *assume-se o Compromisso da Nova Aliança*.

É também lutar contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, a terra e a casa, a negação dos direitos sociais e laborais. É fazer face aos efeitos destrutivos do império do dinheiro (...) A solidariedade, entendida no seu sentido mais profundo, e uma forma de fazer história e é isso que os movimentos populares fazem. (FT, n. 116)

Por outro lado, a negativa também é uma leitura possível: jamais haverá vida plena para todos enquanto vivermos sob a dominação de uma economia que mata, cultuando o deus lucro

a qualquer custo: nega-se o *Compromisso da Nova Aliança, a partilha; impossibilita-se a Promessa, a vida em plenitude*.

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013) tem um alerta muito forte sobre isso:

Assim como o mandamento “não matar” põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, assim também hoje devemos dizer “não a uma economia da exclusão e da desigualdade social”. **Esta economia mata.** Não é possível que a morte por enregelamento dum idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa. Isto é exclusão. Não se pode tolerar mais o fato de se lançar comida no lixo, quando há pessoas que passam fome. Isto é desigualdade social. Hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco. Em consequência desta situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída. O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora. Assim teve início a cultura do “descartável”, que aliás chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração e opressão, mas duma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são “explorados”, mas resíduos, “sobras”. (EG, n. 53. Grifo nosso).

O destaque de alguns dos termos e frases, uma vez iluminados pela *Partilha* na perspectiva da Aliança, nos leva a acreditar que a Aliança pode ser catalizadora do Bem Comum e, portanto, princípio necessário na ação humana para que a *Promessa de vida em plenitude* se realize. Mais uma vez a negativa também é válida. O fato de não realizar a *Partilha*, a ação humana não só se afasta da *Promessa* como é produtora de caminhos capazes de levar a Humanidade à morte pela destruição das condições de vida na nossa Casa Comum:

A pobreza, a degradação, os sofrimentos de um lugar da terra são um silencioso terreno fértil de problema que, finalmente, afetarão todo o planeta. Se nos preocupa o desaparecimento de algumas espécies, deveria afligir-nos o pensamento de que, em qualquer lugar, possam existir pessoa e povos que não desenvolvem o seu potencial e a sua beleza por causa da pobreza ou de outros limites estruturais E isso acaba por nos empobrecer a todos (FT, n. 137).

5. Conclusão

“Enquanto nosso sistema econômico-social ainda produzir uma só vítima que seja e enquanto houver uma pessoa descartada, não poderá haver a festa da fraternidade universal” (FT, n. 110)

A primeira vez que me deparei com a palavra “catalisador” e a ideia de uma substância capaz de acelerar uma reação química sem se consumir chamou minha atenção e por algum motivo desconhecido foi marcante. Sou capaz de lembrar do momento em que procurava o sentido da palavra no dicionário.

Francisco demonstra ousadia e profecia, criando - por palavras e ações cotidianas - processos capazes de transformar a realidade e mudar os rumos da história. O neoliberalismo com a financeirização da economia tem adentrado todos os âmbitos da vida social e, de modo mais perverso, o âmbito da subjetividade, promovendo uma espécie de mutação ontológica, em que a pessoa passa a se ver a si mesma como uma empresa que deve ser autorregulada pela lógica do lucro, da máxima eficiência. Essa mesma lógica tem levado o Planeta para o abismo e alavancado a proximidade da destruição dos meios de vida na face da Terra.

Problematizamos neste trabalho diversos pronunciamentos e textos do Papa Francisco, alertando para o fim construído pelas decisões e pelas obras humanas. Dentre eles, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e as Encíclicas *Laudato Si* e *Fratelli Tutti*.

Estamos no exato momento de uma bifurcação nos caminhos da Humanidade. A opção pela continuidade, tendo o neoliberalismo e o lucro como locomotivas, nos conduz para a morte. A opção da mudança aponta para o caminho do Bem Comum e da partilha como possibilidade de coexistência solidária e fraterna, em que caibam todos na Casa Comum. Este caminho apresenta esperança de vida e constituição de uma nova sabedoria capaz de lidar melhor com os bens finitos de nosso pequeno globo terrestre que viaja no imenso universo. Para este segundo caminho, a Aliança com Deus é catalisadora da construção de possibilidades reais de vida boa, justa e igualitária, sem exclusões.

Entender definitivamente que nossa relação com Deus é uma relação que nos conduz à ação e que esta ação precisa ser de Partilha, mostra-nos uma luz no fim do túnel, escreve uma nova história de esperança no futuro. Talvez seja, em parte, sobre isso que falam os bispos da África do Sul ao acreditarem na possibilidade de formar uma nova sociedade “baseada na partilha do que se possui”. A partilha que possibilita que todos estejamos conscientes de que viajamos juntos em um pequeno planeta, onde tudo está interligado.

Em relação ao Universo, a Terra não passa de uma muito pequena aldeia que pela ação humana parece estar se degradando e perdendo sua vitalidade. A Nova Aliança configurada na Partilha, se apresenta como uma nova Arca de Noé, capaz de fazer com que todos reaprendam a viver juntos e a buscar soluções para sobreviver às intempéries. A Nova Aliança nos ensina a ser capazes de construir um mundo mais igualitário, respeitando a vida humana, imagem e semelhança de Deus, e toda a criação, todos os seres vivos, todo o ecossistema. A justiça só é possível quando há respeito a todas as formas de vida, respeito à todas as expressões da vida.

É fato que nos transformamos nos algozes da vida por causa das opções que temos assumido como Humanidade. A bifurcação do caminho está exatamente à frente, talvez *a alguns dias de viagem*. Já se sabe o que é preciso ser feito. Talvez a compreensão da Nova e Eterna Aliança - a *Promessa*, o *Compromisso* e o *Símbolo* – seja a mística necessária para que possamos optar pelo rumo da construção da História da Humanidade segundo o sonho da Comunidade Trinitária, na sequência do que já aconteceu em tantos outros momentos em que o Povo de Deus parecia ver o fim tão próximo e chegava a desejar retornar às cebolas do Egito, desesperançado com a possibilidade de um futuro incerto.

A possibilidade de futuro está presente nas decisões cotidianas. A coragem da *Partilha* precisa ser um ato revolucionário, persistente: ação que supera a lógica humana contemporânea submissa ao pensamento fatalista, desesperançado, meritocrático, individualista, para encontrar a Sabedoria Divina presente em todas as representações da Aliança do Povo com seu Deus.

A esperança da concretização da promessa divina - *Eu vim para que todos tenham vida e vida em plenitude* - continua a ser uma certeza para o olhar da fé. Mas para que a *Promessa* se realize é necessário que a Humanidade faça a sua parte do Pacto: *a partilha*. Talvez neste momento não se tenha grande consciência do que seja a *Partilha* exigida pela Nova e Eterna Aliança celebrada por Jesus Cristo. Mas com certeza já se sabe o que ela *não-é: não-é* a financeirização da economia propagada pelo Neoliberalismo desumano que tem lançado populações inteiras no abismo da fome e do desemprego enquanto uns, muito poucos, concentram riquezas que jamais poderiam usar nem mesmo em mil anos.

Reafirmamos a convicção de que na *Partilha* a vida está acima do lucro, e de que há riqueza (Bem Comum) suficiente para que todos possam ter Terra, Teto e Trabalho. Só a partilha dos bens, que por direito são de toda a Humanidade, seria suficiente para que todos tenham vida digna, dando concretude ao sonho da Comunidade Trinitária transbordada no sonho da Aliança de Deus com toda a família humana e todas as criaturas que existem em nossa Casa Comum.

Referências

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 15 nov, 2021.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 5 nov, 2021.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no Mundo Atual*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em 1 nov, 2021.

RODRIGUES DA SILVA, Rafael. Alianças de Iahweh com as minorias. In: ANDERSON, A. Flora et all. *A História da Palavra I: a primeira Aliança*. São Paulo: Paulinas. 2014. 3ed. Páginas 37-57.

SURIAN, Francisco Emílio. Teologia da Aliança e sua relação com a dignidade humana: aspectos coincidentes entre a Nova Aliança e as principais celebrações da Aliança no Antigo Testamento. 2011. 125 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.